

ENIGMAS, ALEGORIA E RELIGIÃO NA EDUCAÇÃO MEDIEVAL

LAUAND, Jean
Prof. Titular Faculdade de Educação da USP

RESUMO: O estudo apresenta uma seleção de enigmas medievais e discute os diversos papéis que o enigma exerce para a educação da época: do lúdico à suas relações com a visão religiosa, onipresente na pedagogia da Idade Média.

Palavras chave: Educação Medieval. Lúdico. Enigmas. Alegoria. Religião.

ABSTRACT: This paper presents a selection of medieval riddles and discusses the various roles they play in Middle Ages education: from ludus to the relations between *aenigmata* and the omnipresent religious mentality.

KEYWORDS: Medieval Education. Ludus. Riddles. Allegory. Religion.

INTRODUÇÃO

A imensa criatividade da gíria brasileira criou a expressão “é a cara de”. Quando uma realidade expressa muito bem uma outra, resume-a em alguns de seus traços essenciais, diz-se que “é (ou tem) a cara dela”. Assim, se é difícil dizer quem “tem a cara” de São Paulo; no caso do Rio, o problema é o oposto, excesso de representantes: Romário (que avalizou sua “nomeação” pelo governador Sérgio Cabral, também ele nomeado “a cara do Rio”, em um samba enredo do carnaval carioca), Zeca Pagodinho etc. No campo das instituições, “cara do Rio é o futevôlei” (diz o “embaixador” Romário) ou - nem Hegel faria melhor! - o estratégico feriado municipal de São Jorge, 23 de abril, que, “por acaso”, faz ponte com o nacional de Tiradentes... (já os feriados paulistas, 25 de janeiro e 9 de julho, caem nas férias escolares...).

No campo da educação, se o videogame “é a cara” das nossas novas gerações; os enigmas o são da pedagogia medieval. Certamente, todas as épocas conhecem e cultivam enigmas, adivinhas e charadas, mas, no caso da Idade Média, há uma especial afinidade com esses jogos de linguagem: eles atingem valores centrais: não só pelo lúdico - que é um fim em si - e seu valor pedagógico, mas também pela carga religiosa que, na interpretação da época, o enigma traz consigo.

Isso se comprehende melhor, quando, por um lado, mostrarmos a consideração religiosa dos enigmas; e, por outro, quando se recorda que o grande “tema transversal” de toda a educação medieval é a religião, a visão religiosa, e que a busca do entendimento da Palavra de Deus, se dá numa clave amplamente alegórica. Nesse quadro, como veremos, o enigma adquire destacado valor.

O enigma na mentalidade alegórica medieval

A mentalidade religiosa alegórica, vinda já do cristianismo do mundo antigo - de Alexandria ou de um Agostinho - vai ter plena vigência na Idade Média: as coisas não são só o que são; são, antes de tudo, sinais de Deus, pistas para a compreensão da fala de Deus: como enigmas a serem decifradas.

Explicando o que é alegoria, diz Agostinho:

Chama-se alegoria a palavra que soa de um modo, mas acaba significando outra coisa diferente. Por exemplo, Cristo é chamado cordeiro (Jo 1,29); acaso é Ele animal? Cristo é chamado leão (Apo 5,5); acaso é Ele fera? É chamado pedra (ICor 10,4); acaso é Ele dureza? É chamado monte (Dan 2,35); acaso é Ele elevação de terra? E, assim, há muitas palavras que soam de um modo, mas são entendidas de outro e a isto se chama alegoria (En. 103, 13).

Criadas pela Inteligência do Logos, as coisas do mundo trazem uma mensagem cifrada sobre Deus e as verdades eternas. Esta, aliás, vai ser, desde o cristianismo antigo, uma das bases da legitimação do estudo dos saberes profanos; pois eles, no fundo, não são profanos: ao estudar os animais - serpente, pomba ou boi -, adquire-se uma maior compreensão do que disse Jesus Cristo, por exemplo: “Sede prudentes como serpentes e simples como pombas” (Mt 10, 16). E São Paulo, comentando a lei dada por Deus: “Não atarás a boca do boi que debulha” (Deut 25, 4), desfere a ironia: “Acaso Deus está se preocupando com bois? Ou é para nós que Ele diz isto?” (I Cor. 9, 9-10).

Nos famosos versos - *PL 210:579* - atribuídos a Alain de Lille (que dirão também que a rosa - seu aflorar, desabrochar e murchar – representa nossa condição):

Omnis mundi creatura	(Do mundo, toda a criatura)
Quasi liber et pictura	(Como livro e pintura)
Nobis est speculum.	(É um espelho para nós)
Nostrae vitae, nostrae mortis	(De nossa vida e morte)
Nostrae status, nostrae sortis	(De nosso estado e destino)
Fidele signaculum	(Um sinal confiável)

Dados da Bíblia para o cristão de hoje totalmente secundários, são, para os antigos e medievais, temas centrais de sua exegese. Os números, por exemplo, como quando da pesca milagrosa - no último capítulo de seu evangelho -, João narra que Pedro trouxe em sua rede 153 peixes grandes (Jo 21, 11). O número 153, no caso, para o cristão de hoje significa simplesmente uma grande quantidade de peixes. Mas para os medievais, não: esse número - como cada número mencionado na Bíblia - tem um significado místico: é um enigma, que Deus quer que decifremos para podermos entender sua mensagem. Como era de esperar, essa mentalidade leva a autênticos contorcionismos alegóricos para fazer com que as coisas se encaixem: no caso de nosso 153, Agostinho, por exemplo, vai jogar com o caráter perfeito dos números 10 (a perfeição da lei) e 7 (perfeição do espírito), que somados dão 17. Ora, a soma dos números de 1 a 17 dá precisamente 153, o número da multidão dos bem-aventurados (que, da barca de Pedro, que alegoricamente é a Igreja, são levados a Jesus; porque foram apanhados pela rede da atividade evangelizadora etc.).

A explicação do fato de serem 153 peixes é a que costumo fazer-vos [ao menos todos os anos na missa de 6a. f. da Páscoa] e muitos tomam-me a dianteira; no entanto, eu vou repeti-la solenemente [...]. Estes 153 são 17. 10 mais 7. 10 por quê? 7 por quê? 10 por causa da lei, 7 por causa do Espírito. A forma septenária é por causa da perfeição que se celebra nos dons do Espírito Santo. Descansará - diz o santo profeta Isaías - sobre ele, o Espírito Santo com seus 7 dons (Is 11,23) etc. Já a lei tem 10 mandamentos [...]. Se ao 10 ajuntarmos o 7 temos 17. E este é o número em que está toda a multidão dos bem-aventurados. Como se chega, porém, aos 153? Como já vos expliquei outras vezes, já muitos me tomam a dianteira. Mas não posso deixar de vos expor cada ano este ponto. Muitos já o esqueceram, alguns nunca o ouviram. Os que já o ouviram e não o esqueceram tenham paciência para que os outros ou reavivem a memória ou recebam o ensino [...] Conta 17, começando por 1 até 17, de modo que faças a soma de todos os números, e chegarás ao 153. Por que estais à espera que o faça eu? Fazei vós a conta" (*Sermão 250, 3*)

Certamente, essas interpretações medievais são, muitas vezes, forçadas: em alguns casos, o 6, por exemplo, será considerado um número perfeito; em outros, um signo de imperfeição. Pela *Aritmética* de Boécio, a Idade Média absorve o critério grego: um número é perfeito se a soma de seus divisores próprios perfaz esse número. Assim, perfeito é o 6 ($6 = 3 + 2 + 1$), o 28 ($28 = 14 + 7 + 4 + 2 + 1$), o 496 etc. Esse critério cai como uma luva para explicar a plenitude dos 6 dias da Criação. Mas, no caso do número da besta do Apocalipse (Apo 3, 18), 666, o 6 é a imperfeição (não atinge a plenitude do - segundo outros critérios – perfeito por excelência: o 7).

Rábano Mauro, no séc. IX, chega a escrever um tratado explicando o significado místico de cada número na Bíblia; e os bestiários medievais se encarregarão dos animais - de

modo semelhante, *mutatis mutandis*, aos nossos critérios de interpretação para jogo do bicho: se se sonha com a sogra, vai dar cobra na cabeça; com a homossexual, jacaré; etc. Também para o caso dos animais, como em tudo, cabem interpretações múltiplas e elásticas: o leão é Cristo, mas pode também ser o diabo, que, na epístola de Pedro (IPe 5, 8) “anda rondando como leão que ruge, buscando a quem devorar”. Também para o nosso jogo do bicho dão-se essas elasticidades: o candidato Clodovil, em campanha (seu partido era o de número 36), afirmou a prevalência do 11 sobre o 24 para representar os homossexuais e, por isso, registrou-se como 3611, recusando o clássico 24 (de 3624).

Naturalmente, o espaço alegórico não é uniforme ao longo dos séculos e autores medievais: ele vai diminuindo com o incremento da vida urbana, com o surgimento das universidades, com a retomada da filosofia. Um exemplo de mudança interessante é o da evolução do pensamento de Tomás de Aquino, no tocante à memória: o jovem Tomás, do *Comentário às Sentenças*, ainda fala de três potências espirituais: memória, inteligência e vontade. Segue assim, a tradição alegorista do *De Trinitate* (sobretudo no livro XV) de Agostinho, que apresenta a memória como a primeira realidade do espírito, da qual procedem o pensar e o querer: sendo portanto um reflexo de Deus Pai, do qual procedem o Verbo (inteligência) e o Espírito Santo (vontade). Mas já nas obras de maturidade, na *Summa* e no *De Veritate*, Tomás rompe com essa visão, situando a memória como uma faculdade sensível, tal como a têm os “outros animais”. Por exemplo, quando na *Summa*, explica que a memória é parte da Prudência, afirma: “A prudência aplica o conhecimento universal aos casos particulares, dos quais se ocupam os sentidos. Daí que a prudência requer muito da *parte sensitiva*, na qual se inclui a memória. (I-II, 49, 1 ad 1)

E Tomás não se preocupa nem um pouco se com isto – o fato de só termos duas, e não três, potências espirituais - perdemos a referência alegórica à Trindade.

O enigma como modelo da fé e do conhecimento da verdade religiosa

Referindo-se às verdades de Deus, São Paulo as equipara a enigmas. O Apóstolo diz na I Epístola aos Coríntios (13, 12) que atualmente vemos confusamente como em um *enigma*, mas que um dia, as veremos com clareza: tal como acontece, quando se resolve um enigma.

De fato, quando nos é proposto um enigma, sentimo-nos ansiosos por não atinarmos com a resposta; em seguida, chegamos a duvidar de que ela exista; e quando, finalmente, chegamos a ela ou no-la apresentam, verificamos que a solução era fácil, óbvia e admiramo-nos de não a ter encontrado imediatamente. Assim também - dirá o pregador - devemos ser dóceis aos ensinamentos de Deus, por mais obscuros que à primeira vista nos pareçam etc. etc.

Um dos mais agudos enigmas da época, precisamente por aludir ao mistério de Deus, ajuda a tornar mais evidente o paralelismo paulino: “*Ego sum principium mundi et finis saeculorum; sum trinus et unus, et tamen non sum Deus*”(in Amata, 2006, p. 120).

Em tradução que preserva a resposta: “Eu sou o princípio do mundo e estou no fim do fim; sou trino e uno, mas não sou Deus. Quem sou eu?

Ou em versão mais completa (em tradução livre): “Eu sou o princípio do mundo e estou no fim do fim; sou trino e uno, mas não sou Deus. Estou no maravilhoso e no normal; sem mim, nada é. Quem sou eu?

A resposta é: a letra m, que sendo uno (uma letra) se escreve como o número 3 (em romano), está no princípio (da palavra) “mundo” e no fim do (vocabulário) “fim” (a palavra “nada” é sem m etc.).

E na *Divina Comédia*, (Purg. 23, 31 e ss.), no rosto humano está escrita a palavra “homem” (“omo”, na língua de Dante):

Os olhos pareciam anéis sem pedras
Aqueles que no rosto lêem a palavra “omo”
Bem distinguiria aqui o M

Parean l'occhiaie anella senza gemme

*Chi nel viso degli uomini legge OMO,
Bene avria quivi conosciuto l'emme*



Outra conhecida mensagem cristã cifrada, digna do *Código da Vinci*:

O.....quid.....tuae
be.....est.....biae?
ra ra ra es et in ram ram ram ii

Para a solução, tenha-se em conta que os três termos da primeira linha “estão acima” (“super”, em latim) de seus correspondentes na segunda linha. E na terceira linha temos “três vezes” (“ter”) *ra* e *ram*, e *i* duas vezes (“bis”). Assim:

O *superbe*, quid *superest* tuae *superbiae*?
Terra es et in *terram* *ibis*

Ó soberbo, que restará de tua soberba?
Tu és terra e a terra hás de tornar
(a sentença final é Gn 3, 19 em tradução alternativa à Vulgata – “Tu és pó e ao pó hás de tornar” - muito usada por Agostinho, Leão Magno e outros autores)

Em meu tempo de primário, ainda encontrávamos ecos dessas engenhosidades medievais: se alguém se queixava de um defeito de outro, este desenhava as letras P, E e R feito só com a letra u e pedia ao queixoso que interpretasse:

UUUUUU	UUUUUUU	UUUUUU
U U U	U U	
U U U	U U	
UUUUUU	UUUUU	UUUUU
U U	U U	
U U	U U	
U UUUUUUU	U U	U U

E a resposta era: “Perfeito só Deus” (PER-feito só de-us).

Os enigmas na Bíblia

Para um exegeta de hoje como Margalith (1986) não haveria, em sentido estrito, enigmas (*riddles*) na Bíblia: a tradução por “enigma” da palavra hebraica *hida* só seria apropriada (pois *riddle*/enigma exige resposta) no caso do enigma de Sansão (Juízes 14, 14) e que mesmo esse caso seria problemático.

Seja como for, para a leitura medieval, sim, há enigmas: a Vulgata diz que a rainha de Sabá veio a Salomão para testá-lo com enigmas e que ele respondeu a todos. E na própria tradição judaica podemos encontrar essa entrevista como uma sessão (ou até um duelo) de

adivinhas (Lassner 1993, *Appendix*, pp. 161 e ss.), como as que a rainha emprega para começar a desafiar Salomão, segundo o *Midrash Mishle* ou o *Midrash ha-Hefez*:

- Que são: sete que se vão e nove que vêm; dois que dão de beber, mas só um participa.
- Sem dúvida: sete são os dias do ciclo menstrual; nove, os meses da gravidez; dois, os peitos que amamentam; e um é o bebê.
- Uma mulher disse a seu filho: Teu pai é meu pai; teu avô, meu marido; tu és meu filho e eu sou tua irmã.
- Sem dúvida: trata-se das filhas de Ló.

E ainda hoje o site *Beit Chabad* (2008), referência judaica na Internet, reapresenta às novas gerações os enigmas da rainha, como na seguinte amostra:

Dize-me, sábio Rei Salomão,
Que águas são essas, que não
Nascem da pedra, chão ou monte.
E embora venham da mesma fonte,
Ora amargas, ora doces são?"

O Rei Salomão ficou pensativo por um momento e então respondeu:
"As lágrimas não vêm do chão,
E é doce o pranto da emoção
Feliz. Amargo é o pranto,
Da dor, tristeza e desencanto."

"Rei, muito sábio, tu podes dizer:
Quem, sepultado vivo, no fundo
Da terra, longe do sol e do mundo
Morre – e no entanto, torna a viver?"

A sabedoria de Salomão não falhou também desta vez, quando respondeu:
"A sementinha sepulta no chão
Faz nascer a espiga, o dourado grão.
E aquele que ali a enterrou
Colheu boa safra e se regalou."
[...]

"Estou tão feliz de ter feito esta longa viagem para ver o Rei Salomão, pois ele é na verdade o mais sábio de todos os homens!" [...] [e louva o Deus de Israel]

Alcuíno: enigma e ensino

Um documento importante para a história da educação medieval é a *Pippini disputatio cum Albino Scholastico* (PL 101, 975-980). A discussão, o *Diálogo entre Pepino e Alcuíno* (in Lauand, 1994, pp. 79-88); entre o mais importante educador de seu tempo, o mestre Alcuíno, e o segundo filho de Carlos Magno, o jovem Pepino.

Alcuíno, no fim do século VIII, a pedido de Carlos Magno, encarrega-se da Escola Palatina e é o preceptor Pepino: a *Disputatio* é um diálogo no qual um garoto de doze ou treze anos, faz perguntas ao mestre a respeito de tudo: do homem e do mundo; da vida e da morte. De especial interesse para nós são as 22 adivinhas, que se insinuam nas falas 155-160 e, explicitamente, são propostas de 168 até o fim.

155 Pepino: O que é que faz doce o amargo?

156 Alcuíno: A fome.

P.: O que é que faz com que o homem não se canse?

A.: O lucro.

P.: O que é o sonho dos acordados?
160 A.: A esperança.

Antes de começar a série final de adivinhas, o mestre, habilmente, as liga à fé: “certeza das coisas não sabidas e admiráveis” (*ignotae rei et mirandae certitudo*) e designa as adivinhas por *mirandum*, “o que causa admiração”: voltamos ao paralelismo dos enigmas como modelo da verdade religiosa: “Como é que eu, tendo tantas vezes visto isso, não o entendi por mim mesmo?”, diz o menino.

165 P.: O que é a fé?
A.: A certeza das coisas não sabidas e admiráveis.
P.: O que é admirável [adivinha]?
A.: Agora há pouco, vi um homem, em pé, que nunca existiu, um morto andando.
P.: Desvenda-me como pode ser isso.
170 A.: A imagem refletida na água.
P.: Como é que eu, tendo tantas vezes visto isso, não o entendi por mim mesmo?
A.: Já que és um bom rapaz e dotado de natural engenhosidade, vou te propor mais algumas “admiráveis”; provarás se, por ti mesmo, podes adivinhá-las.
P.: Sim e se eu errar, tu me corrigirás.
A.: Farei como desejas. Um desconhecido, sem língua e sem voz, falou comigo; ele nunca existiu, nem existirá. É alguém que não conheço e nem ouviria.
175 P.: Acaso um sonho te importunou, mestre?
A.: Sim, filho, acertaste. Ouvi esta agora: vi mortos gerarem um vivo e o hálito do vivo consumiu os mortos.
P.: Esfregando-se galhos secos, nasce o fogo que consome os galhos.
A.: Acertaste. Ouvi mortos falando muitas coisas.
P.: Nunca falaram bem, a não ser quando suspensos no ar.

A resposta é “pergaminhos”: em sua preparação, as peles devem secar bem, num varal, para que possam receber a escrita (para que os autores mortos, copiados nos pergaminhos, possam falar bem). O aluno, já auto-confiante pelos primeiros acertos, começa a responder não já com a palavra solução, mas, por vezes, com rodeios, que indicam que ele sabe a resposta, como que complementando engenhosamente a formulação enigmática do mestre e criando uma cumplicidade com ele: preservando o mistério ante os coleguinhas que qinda não atinaram com a resposta (cf. fala 184, abaixo).

180 A.: É, é verdade. E eu vi o fogo não apagado repousar na água.
P.: Tu te referes ao sílex, parece-me.
A.: É, é isso mesmo! Vi um morto sentado sobre um vivo e no riso do morto, morreu o vivo.
P.: Isto sabem nossos cozinheiros.
[a isca (morto) com seu riso (anzol) atrai o vivo (peixe) para a morte]
A.: Mas, psst!, põe teu dedo sobre a boca; não aconteça que os meninos ouçam o que é. Fui eu com outros a uma caçada, na qual o que apanhamos não trouxemos conosco e o que não pudemos caçar, sim, trouxemos conosco.
185 P.: É a caçada dos camponeses, não é? [piolho]
A.: É. Vi o que nasceu, antes de ser concebido.
P.: Viste e talvez comeste.
[ovo - O ovo "nasce" e só então "gera" o pintinho. Cf. CCSL 1968A , p. 554 ("Eu [o ovo] sou a mãe que não posso conceber (o pintinho) a não ser que permaneça virgem" etc.); CCSL 1968, p. 248 e CCL 1968A, p. 635 (*De ovo*, *De pullo* e *Pullus in ovo*).]
A.: Comi. O que é o que não é e tem nome e responde a quem faz barulho?
P.: Pergunta aos papilos na floresta. [eco]
190 A.: Vi um morador correndo junto com sua casa; ele calava, mas ela fazia barulho.
P.: Prepara-me uma rede e eu te mostrarei. [peixe no rio]
A.: Quem é o que não podes ver, senão de olhos fechados?
P.: O que dorme profundamente indicar-te-á. [sonho]
A.: Vi um homem com oito na mão; de oito, tirou sete e ficou com seis.
195 P.: As crianças, na escola, sabem isso.

[Cultivava-se muito, na época, a *loquela digitorum*, a representação de números pela flexão dos dedos. O dedo mínimo é o que faz o 7; o anular, o 6; ambos, o 8. De tal modo que, se do 8 tirarmos 7 (isto é, o dedo que faz o 7) fica 6]

A.: O que é que sem cabeça fica maior?

P.: Vai a tua cama e descobrirás. [a cama sem a cabeceira fica maior]

A.: Eram três: um, nunca nasceu e morreu uma vez; outro, nasceu uma vez e nunca morreu; o terceiro, nasceu uma vez e duas vezes morreu.

P.: O primeiro é homônimo da terra; o segundo, do meu Deus; o terceiro, do homem pobre.

200 A.: Dize as iniciais dos nomes.

P.: 1, 5 e 12.

[Esta adivinha reaparece nos *Ioca Monachorum*, publicados em *PLS* 4, que dá a solução: Adão, homônimo da terra, não nasceu e morreu uma única vez. A sua inicial A é a letra nº 1 do alfabeto. Elias - homônimo de Deus - nasceu, mas não morreu (cf. II Sam 2) e sua inicial E é a letra nº 5. E Lázaro, ressuscitado por Cristo, morreu duas vezes (Cf. *PLS* 4, 931), e é homônimo do mendigo da parábola. Sua letra L é a de nº. 12]

A.: Vi uma mulher voando, ela tem o bico de ferro, o corpo de madeira, a cauda emplumada e é portadora da morte.

P.: É a companheira dos soldados. [flecha]

[...]

206 A.: O que é que é e que não é?

P.: O nada.

A.: E como pode ser e não ser?

P.: É enquanto palavra; não é, enquanto realidade.

210 A.: Quem é o mensageiro mudo?

P.: O que tenho aqui comigo.

A.: O que tens aí contigo?

P.: Uma carta tua.

A.: Que a leias com proveito, filho.

De uma outra obra de Alcuíno (*Carmina*, PL 101, 802B et. ss.), traduzo - com alguma liberdade - outros enigmas, cujas respostas são palavras latinas :

Fui a causa do pecado e
Se me lês na ordem certa, comes-me
Se me lês de trás pra frente, cavalgas-me
Quem sou eu?

R.: *malum* (o fruto, causa do pecado original) / *mulam* (a solução começa e termina com M: comer e cavalgar regem acusativo)

Tenho seis letras e sou força e poder
Se me partes ao meio, uma metade louva a Deus
E a outra designa o homem
Sem a quarta letra viro veneno

R.: *Virtus, tus* (incenso) *vir, virus.*

Dois monossílabos que causam todas as desavenças
R.: sim e não

Dois pronomes que acabam com a paz
R.: Meu e teu

Ao concluir este tópico, vale ressaltar que a última adivinha que Alcuíno propõe ao menino (a do mensageiro mudo) complementa-se com uma outra, da coleção acima:

Queres saber, ó viandante, como pode o poeta viver após a morte?

Nisto que tu lês, sou eu que falo; tua voz, neste momento, é a minha
(PL 101, 802B).

Enigmas nos problemas de matemática

Na Primeira Idade Média, os problemas engenhosos tinham, além do mais, a função pedagógica de “aguçar a inteligência dos jovens”: “*ad acuendos juvenes*”. *Propositiones ad acuendos juvenes* é o título de uma curiosa lista medieval de problemas de aritmética e de “pegadinhas” lógicas, se não de autoria de Alcuíno, pelo menos por ele conhecida. Deve-se ensinar divertindo, diz Alcuíno em carta a Carlos Magno “*misi excellentiae vestrae... aliquas figurae arithmeticæ subtilitatis, laetitiae causa*” (PL 100, 314, C).

Destacamos alguns desses problemas, extraídos também de lista muito semelhante de (Pseudo) Beda, o Venerável (in Lauand, 1994, pp. 97 e ss.):

Um boi que está arando todo dia, quantas pegadas deixa ao fazer o último sulco?"

Resposta: Nenhuma em absoluto. Pois o boi precede o arado e o arado segue o boi; e, assim, todas as pegadas que o boi faz na terra trabalhada, o arado asapaga. E, deste modo, não se encontrará nenhuma pegada no último sulco.

Numa escada de 100 degraus, no 1º. degrau está pousada 1 pomba; no 2º, 2; no 3º, 3; no 4º, 4; no 5º, 5; e assim em todos os degraus até o 100º. Diga, quem puder, quantas pombas há no total?

R.: Calcule assim: tome a pomba do 1º. degrau e some-a às 99 do 99º., o que dá 100. Do mesmo modo, as do 2º. com as do 98º. somam 100. E assim, degrau por degrau, juntando sempre um de cima com o correspondente de baixo, obterá sempre 100. Some tudo junto com as 50 do 50º. degrau e as 100 do 100º. degrau que ficaram de fora, e obter-se-á 5050.

Um homem devia passar, de uma a outra margem de um rio, um lobo, uma cabra e um maço de couves. E não pôde encontrar outra embarcação a não ser uma que só comportava dois entes de cada vez, e ele tinha recebido ordens de transportar ilesa toda a carga. Diga, quem puder, como fez ele a travessia?"

R: Todos estavam na margem direita do rio. O homem leva primeiro a cabra e a deixa na margem esquerda. Volta para a margem direita e pega a couve, e volta para a margem esquerda. Deixa a couve e volta para a margem direita com a cabra, deixando-a e voltando para margem esquerda com o lobo. O lobo ficará com a couve na margem esquerda e o homem voltará para pegar a cabra na margem direita.

Se dois homens casam, cada um com a mãe do outro, que relação de parentesco haverá entre seus filhos?

[R.: Cada um será, ao mesmo tempo, tio e sobrinho do outro.]

Um enigma canção de ninar

Entre tantas outras instâncias, o enigma comparece também em canções e, por excelência, na singela e belíssima *I gave my love a cherry*, conhecida como *The Riddle Song*: com ligeiras variações ao longo dos séculos, como costuma acontecer com o cancionário folclórico, a canção lança as questões da enigmática cereja sem caroço (quando ainda em flor), galinha sem osso (ainda no ovo), bebe que não chora (quando está dormindo), história que não termina (a do nosso amor). Já registrada em manuscritos do início do séc. XV, sua origem remonta ao folklore medieval (provavelmente uma canção de ninar) e ainda em nosso tempo recebeu, entre tantas outras, as gravações de: Joan Baez, Pete Seeger, Doc Watson, Sam Cooke e Carly Simon, cuja letra diz:

*I gave my love a cherry
That had no stone
I gave my love a chicken
That had no bone
I told my love a story
That had no end
I gave my love a baby
With no crying.*

*How can there be a cherry
That has no stone? [etc.]*

*A cherry when it's blooming
It has no stone
A chicken when it's piping
It has no bone
The story that I love you
It has no end
A baby when it's sleeping
It's no crying.*

Já a canção medieval, em uma de suas versões, é:

*I have a yong suster
Fer biyonde the see;
Many ben the drueries
That she sente me.*

*She sente me the chery
Wythouten ony ston,
And so she dide the dowve
Wythouten ony bone.*

*She sente me the brere
Wythouten ony rynde,
She bad me love my lemmar
Wythouten longynge.*

*How sholde ony chery
Ben wythouten ston? [etc.]*

*Whan the chery was a flour
Than hadde it non stone;
Whan the dowve was an ey,
Than hadde it non bon.*

*When the brere was unbred,
Than hadde it non rynde;
When the mayden hath that she loveth,
She is wythouten longynge.
(<http://www.mudcat.org/@displaysong.cfm?SongID=6899>)*

Na encantada visão medieval, o enigma cumpria diversos papéis na educação e, sua história, tal como a dos verdadeiros enamorados, promete não ter fim.

REFERÊNCIAS

AMATA, B. (2006) **De re metrica graeca et latina**. Roma: Pontificia Studiorum Universitas Salesiana. Cópia impressa do original em Word.doc, disponibilizado pelo autor em seu site. Acesso em: 22-07-06: <http://www.geocities.com/blas3/metrica/METRICA.doc>

BEIT CHABAD (2008) <http://www.chabad.org.br/biblioteca/historias/hist66.html>. Acesso em 23-07-08)

CCSL (1968) De Marco (ed.) *Aenigmata*. Corpus Christianorum Series Latina 133.

Ars.; Aenigmata.; Aenigmata.; Aenigmata de virtutibus et vitiis.; Aenigmata Laurenshamensia.; Aenigmata (Tatuinus, Eusebius (Hwaerberhtus); Wiremuthensis, Bonifatius (Winfredus), Aldhelmus Scireburnensis). Turnhout: Brepols.

CCSL (1968a) Glorie (ed.), *Aenigmata*. Corpus Christianorum Series Latina 133A.

Aenigmata quaestionum artis rhetoricae ('Bernensia'); Aenigmata.; De nominibus litterarum (al. de alphabeto). Expositio alphabeti. De dubiis nominibus

(Anonymus ('Tullius'), Anonymus ('Tullius'), Symphosius). Turnhout: Brepols.

Lassner, Jacob (1993) *Demonizing the Queen of Sheba*. Chicago and London. The Chicago University Press.

Lauand, Jean (1994) *Educação, Teatro e Matemática Medievais*. São Paulo: Perspectiva.

Margalith, Othniel (1986) "Samson's Riddle And Samson's Magic Locks", *Vetus Testamentum* XXXVI, 2.